

# XAKRIABÁ: UMA COMUNIDADE TRADICIONAL INDÍGENA DO NORTE DE MINAS GERAIS – BRASIL

Cássio Alexandre da Silva<sup>1</sup>

UNIMONTES – Minas Gerais-Brasil

[cassio.silva@oi.com](mailto:cassio.silva@oi.com)

Hebert Canela Salgado<sup>2</sup>

[hcsalgado@gmail.com](mailto:hcsalgado@gmail.com)

## RESUMO:

No norte de Minas Gerais desde as Entradas e Bandeiras Paulistas e Mineiras do século XVIII, situado à margem direita do Rio São Francisco, rodeado pela paisagem que transita entre o Cerrado e à Caatinga enraíza-se o povo XAKRIABÁ. Os Xakriabá se apresentam como uma comunidade tradicional que resiste as diversidades políticas; sociais; ambientais e econômicas. A população se apresenta em torno de 7.450 índios que distribuem nas 23 aldeias que constituem um total de 46.414 hectares de terras no município de São João das Missões. O território Xakriabá é traduzido pela luta que afirma a identidade de seu povo. O processo de subalternidade é vivido como um desafio e resistência na preservação do *homo situs* que se concebe diante da realizada diversidades culturais com significados próprios. A construção dos saberes antropológicos e etnográficos perfazem um histórico capaz de produzir e reafirmar “novos saberes” diante da diversidade local, regional e global.

O objetivo é descrever o histórico geográfico cultural da população tradicional dos povos indígenas Xakriabá. A historicidade caracteriza-se primeiramente pelos aspectos que traduzem esses povos como tradicionais; em segundo momento identifica-se os

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES; Geógrafo Licenciado pela Unimontes; Docente do Departamento de Geociências da Unimontes; Especialista em Geografia Regional do Brasil e Minas Gerais-Unimontes; Especialista em Turismo e Desenvolvimento Regional-FIP/MOC. **E-mail:** [cassio.silva@oi.com.br](mailto:cassio.silva@oi.com.br) / [cassio.oissac@yahoo.com.br](mailto:cassio.oissac@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Turismólogo, Bacharel em Turismo e Hotelaria pelas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros – FIP-MOC; Consultor em Turismo e Meio Ambiente da PROJATUR. **E-mail:** [hcsalgado@gmail.com](mailto:hcsalgado@gmail.com)

elementos que (des)mitifica a “lógica” do desenvolvimento; em terceiro, discute a ética do desenvolvimento local e por fim a geografia cultural traduzida por eles.

A justificativa se revela pela realidade vivida através da tradição cultural em seus significados e significantes ao longo do tempo. As transformações ocorridas nos últimos 30 anos em todo o processo sócio-cultural global, tem identificado a técnica informacional como objeto na construção dos novos espaços sociais. Estes novos espaços trazem em si, novas funções econômicas, ambientais e políticas. O discurso entre o local-global/global-local ao mesmo instante que converge, também apresenta divergências. Neste sentido, a tradução dessa nova realidade mundial, é identificada e caracterizada pelos Xakriabá através de suas próprias leituras históricas do espaço geográfico e de suas abordagens culturais. A concepção da geografia cultural é vivenciada e traduzida em novas “lógicas” de saberes e fazeres do cotidiano que se enquadra na história desse povo. A relevância dessa “nova ordem” das populações tradicionais sobre o mundo capitalista hegemônico, tem comprovado o “poder” além do simbolismo em conviver com as desigualdades entre as nações e Estado-Nação por todo o globo. Essa realidade não se difere no norte de Minas, onde a luta latifundiária tem um histórico marcado por forças políticas opostas que traduzem o neoliberalismo em detrimento das forças que agem a favor do interesse das organizações sociais. As *categorias* geográficas como, território e lugar se apresentam em constante dialética diante das configurações apresentadas às necessidades das ideologias nas duas instâncias, seja do Estado ou das populações tradicionais. A importância de compreender essas diversidades, acabam culminando em reconstruções epistemológicas na ciência geográfica local/global. O objeto estudado abrange além da Geografia Cultural, as bases científicas da Sociologia; Economia; Direito; Ecologia e Filosofia.

A metodologia abordada está baseada na literatura que identifica o objeto e suas diversidades técnico-científicas, juntamente com trabalho de campo na comunidade Xakriabá.

Assim, diante desse quadro que se configura, é de suma importância revelar e afirmar através da literatura e pesquisa o mundo com suas contradições e igualdades entre o local e o global que se ordenam e desconstroem possibilidades das redes institucionalizadas e as consideradas socialmente como não-governamentais. Os Xakriabá: uma

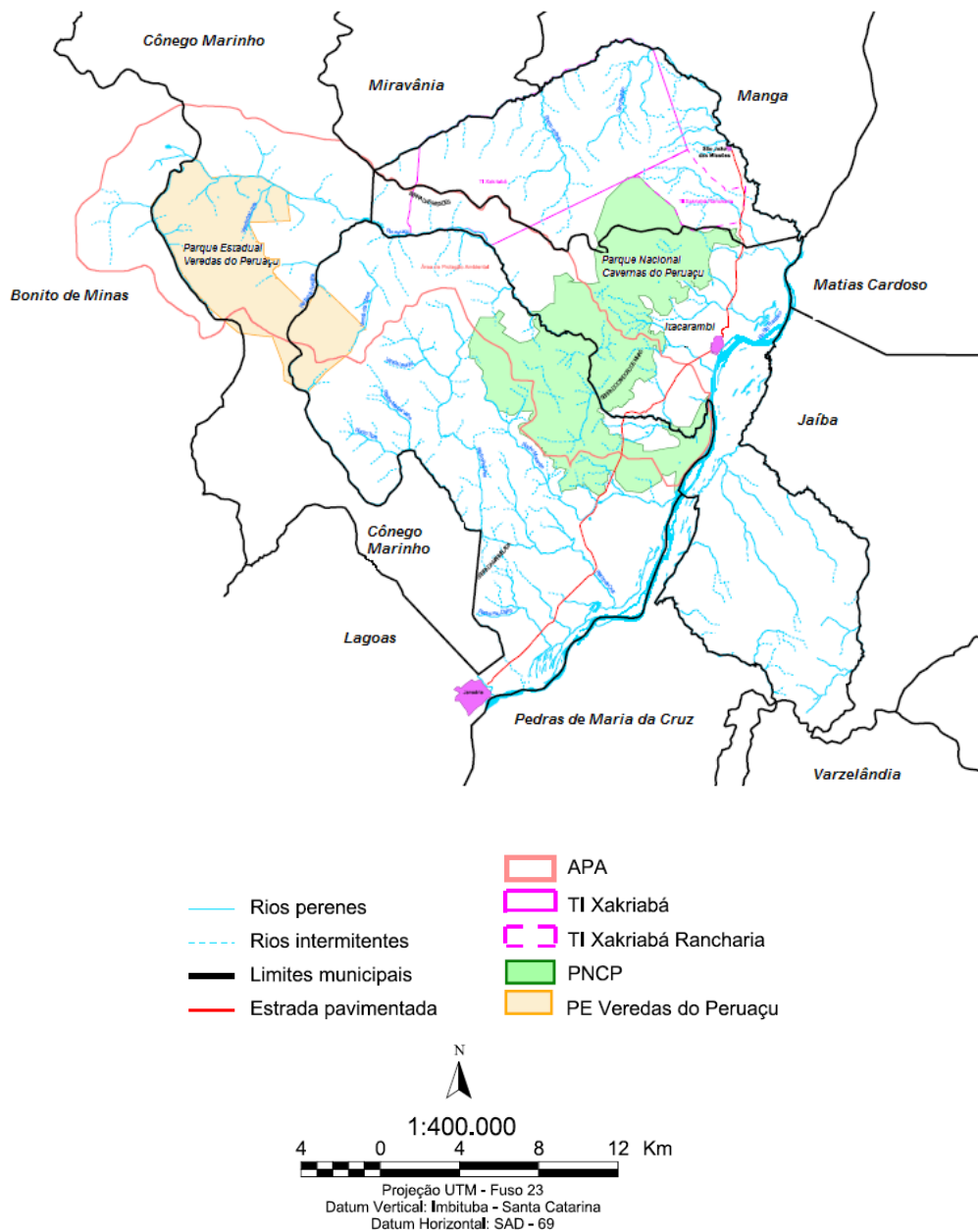
comunidade tradicional indígena no Norte de Minas Gerais – Brasil, propõe confirmar essa realidade local, apresentando para o global as suas potencialidades sócio-culturais.

## **INTRODUÇÃO:**

É importante elencar alguns dos momentos da História de vida desse povo indígena, mesmo que de forma sintética. Com as Entradas e Bandeiras, muitos índios eram caçados e sacrificados pelos bandeirantes. Com a criação da Capitania de Minas Gerais em 1720 inicia-se várias demarcações territoriais, assim em 1728, Januário Cardoso de Almeida *deministrador do Índios da Missão do Snr S.João do Riixo do Itacaramby*, ordena que juntasse os índios soltos para o trabalho forçado. Somente após um século, em 1867, São João das Missões ou do índios servia de aldeamento e no fim de Séc. XIX e início do XX acontecem as migrações vindas do Nordeste – terreno dos caboclos. A partir daí muitos são os conflitos entre os índios, posseiros e fazendeiros. Em 1927/28 da-se a construção de curral de Varas, território este que vinte anos mais tarde e derrubado, o que causa revolta geral e reinicia os conflitos mais acirrados. Nos anos de 1960, o Governo do Estado de Minas Gerais em partilhar terras – Ruralminas causa pressão, o que desencadeia uma mobilização do Xakriabá realizada por Rodrigão - Manoel Gomes de Oliveira. Mobilização esta conhecida como o Toré que caracteriza-se como a busca pela regularização das terras e reelaboração cultural. Esse processo já se dava diante da institucionalização do Serviço de Proteção ao Índio e posteiros Fundação Nacional dos índios – FUNAI em suas terras. Nos anos de 1980, houve retrocesso nas negociações, sendo que 1984 a Fazenda Sapé e reocupada. Em 1987 a morte de Rosalino Gomes de Oliveira, Manuel Fiúza da Silva e José Pereira Santana todo o grupo e mesmo os fazendeiros da região sentiram que o conflito já havia ido longe demais, o que provocou a intervenção direta da justiça federal. A partir daí os índios em 1997 São João das Missões é emancipada; o que deu ao povo força política; em 1995 é implantado o Projeto Estadual de Educação Indígena. Em 2005, José Nunes de Oliveira é empossado prefeito de São João das Missões. (Oliveira:2004). Em 1996 é implantado o Programa de Formação de Professores Indígenas e desde 2003 a rede mundial de computadores – *internet* – liga a comunidade com o mundo exterior. Em 2007 e implantado o Gestar - Projeto de Gestão Ambiental Rural do Ministério do Meio Ambiente. Na atualidade, existem várias instituições como ONG's ambientais e educacionais; universi-

dades e demais organizações da sociedade civil, desenvolvendo inúmeros trabalhos com os Xakriabá.

A identificação das terras indígenas é mostrada a partir do mapa abaixo.



**Mapa 01 – Terras Indígenas Xakriabá e Rancharia**

**Fonte: Plano de Manejo - PNCP**

## DESENVOLVIMENTO

A “lógica” do capital financeiro está enraizada em nossa cultura moderna e juntamente com ela as idéias de desenvolvimento. São muitas as concepções desenvolvimentistas que perpassam por além das ciências econômicas, atingindo e consolidando-se com as ideologias políticas, sociais, culturais e ambientais. Essa “rede” de fixos e fluxos apresenta uma escala de grandeza que atinge as territorialidades locais e globais. A globalização utiliza-se desse sistema desenvolvimentista para atingir todos os Estado-Nação, criando assim uma sociedade da “globalização perversa”.

Muitas são as alternativas e formas de soluções que as comunidades locais e populações tradicionais concebem para poderem desvencilhar desse sistema hegemônico. Em seus territórios os povos do cerrado, em especial os índios Xakriabá de São João das Missões –MG, desenvolvem iniciativas locais que são exteriores as idéias desenvolvimentistas que permeiam a lógica capitalista. Através da sua ética do desenvolvimento local; produção de capital social; solidariedade e dádiva; articulações políticas e sustentáveis para sua sociedade e meio ambiente, vivem de forma a confirmar a sua identidade cultural indígena no cerrado do Norte de Minas.

Costa (2005:38) diz que “o lugar das populações tradicionais tem sido o lugar da biodiversidade no Norte de Minas, por necessidade e estratégia de sobrevivência, tendo como princípio estruturante a diversificação para as suas reproduções física e social”.

Como uma sociedade indígena, legitimada pelo estado brasileiro, os Xakriabá têm em sua etnicidade o diacrítico que os fazem diversos dos povos mestiços que os circundam e que podem ser caracterizadas como chapadeiros, veredeiros ou campineiros”, afirma Costa (2005:34)

Conforme o Art. 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. Constituição Federal, 1988.

O Estatuto do Índio (Lei 6.001) entrou em vigor em 1973 e vigora até hoje. O Estatuto define as terras indígenas em três categorias: - Terras Ocupadas Tradicionalmente, Terras Reservadas e Terras de Domínio dos Índios. As terras ocupadas tradicionalmente (áreas indígenas) estavam definidas nas Constituições de 1967 e 1969. As Terras Reservadas (Reserva Indígena) são terras destinadas pela União para usufruto dos índios, não necessariamente as terras de ocupação tradicional. Isto assegura ao dono da terra a indenização em caso de desapropriação. Terras de Domínio dos Índios são as terras adquiridas por intermédio de compra e venda ou usucapião.

O Decreto de 6.040 de 7 de fevereiro de 2007, *Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais*, e em seu Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

**I - Povos e Comunidades Tradicionais:** grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

Segundo Diegues e Arruda (2001: 26), as sociedades tradicionais se caracterizam por:

Dependência da relação de simbiose entre a natureza, os ciclos e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um modo de vida;

Conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;

Pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;

Pela moradia e ocupação do território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;

Pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implicaria uma relação com o mercado;

Pela reduzida acumulação de capital;

Pela importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;

Pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativas;

Pela tecnologia utilizada, que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor e sua família dominam todo o processo até o produto final;

Pelo fraco poder político, que em geral reside nos grupos de poder dos centros urbanos; e

Pela auto-identificação ou identificação por outros de pertencer a uma cultura distinta.

Assim, pode-se identificar esse povos indígenas como tradicionais em suas diversas relações sociais, culturais, ambientais e políticas.

Primeiramente, para se tentar o diálogo entre a teoria e a prática é necessário reconhecer os vários significados da **categoria do território** e suas várias funções como, o de limite e fronteira; o de “poder” do Estado e do espaço privado; e os seus diversos usos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Em segundo momento é importante identificar a **categoria de desenvolvimento local**, como sendo o espaço atribuído pelos indivíduos e uma coletividade para construir e conceber o envolvimento social, econômico, político e ambiental sem excluir seus pares. Por fim compreende-se a **categoria de sítio**, que apresenta-se aqui como a principal configuração que se propõe a discutir.

Segundo Almeida (2008:59), “a territorialidade considera tanto as questões de ordem simbólico-cultural como também o sentimento de pertencimento a um dado território.” “A compreensão e a auto-identificação de ser do lugar também só é concebido pelo indivíduo que é do local ou que entende a tradição como um elemento parte de sua memória. O acesso ao recurso é garantido pelo fato de se pertencer à comunidade e participar do mesmo universo simbólico de normas e proibições, em geral fundado numa complexa teia de relações familiares”. (DIEGUES e MOREIRA, 2001:9).

Zaoual (2003;2006) “compreende a nova economia como sendo capaz de reconhecer a validade dos diferentes códigos culturais que orientam as trocas, evitando a destruição dos sítios, das territorialidades e das regras que preservam os laços sociais”. Para o autor o “homem só se sente bem onde encontra seu lugar, seu sítio” (2006:16). O sítio portanto vai além do território, “o pensamento dos sítios, associa os mundos simbólicos e morais dos homens e suas práticas cotidianas” (Zaoual, 2006:30).

Enquadrando o povo Xakriabá nessa leitura, pode-se compreender que o Toré, já citado aqui, se aproxima dessa ética de desenvolvimento local, confirmando assim que o indivíduo – índio Xakriabá – é, e pode ser exemplificado como o *homo situs*, que converge

com o *habitus* de Bourdieu, diferentemente do *homo oeconomicus* que se apresenta em nossa modernidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: para outra prosa**

O quadro sintético que se inicia nessa discussão é *a priori* uma forma de buscar compreender melhor as novas identidades e símbolos que pode-se assimilar em alguns grupos que resistem ao mundo hegemônico do capital. O modo de sobreviver desse povo Xakriabá constata o seu altruísmo diante das forças globais. O sítio que permeia a ética humana em desenvolver uma solidariedade e reciprocidade torna-se o território social, político, ambiental e econômico para além das ciências, pois envolve-se e concebe-se no Toré, o seu “espírito” de vida.

### **Referências:**

ALMEIDA, Rita Heloísa de. **Xakriabá – cultura, história, demandas e planos**. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, p.9-39, jul./dez. 2006. (fonte eletrônica).

ALMEIDA, Maria Geralda. (orgs). **Tantos Cerrados: múltiplasaboradagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.p. 348.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. p.313.

ABREU, Aurélio M.G. de. **Culturas Indígenas do Brasil**. Liberdade – SP: Traço Editora, 1987. p.94.

BASTIDE, Roger. **Antropologia Aplicada**. São Paulo: Editora Perspectiva.p.196.

BELLO, Walden. **Desglobalização: idéias para uma nova economia mundial**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p.157.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.395.

BROWN, Dee. **Enterrem meu coração na curva do rio**. Porto Alegre: L& PM, 2007.p.389.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003. p.120.

CASTRO, Iná Elias de. (orgs). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro.: Bertrand Brasil, 2006.p.368.



CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.351

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano:2 Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.372

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC,2001.p.453.

CLIFFOR, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,2002. p.319.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (orgs). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ,2004.p.179.

\_\_\_\_\_. **Geografia Cultural: Um século(1) (2) (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ,2000.p.179.

\_\_\_\_\_. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ,2001.p.179.

COSTA, João Batista de Almeida. **Cultura, natureza e populações tradicionais: o norte de minas como síntese da nação brasileira**. IN: REVISTA VERDE GRANDE – Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES vol.1 n 3 (dez-fev)/2005. p.8-45

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 4 ed. São Paulo: Hucitec,2004. p. 161.

DIEGUES, Antônio Carlos. MOREIRA, André de Castro C. (orgs). **Espaços e Recursos naturais de uso comum**. São Paulo: Núcleo de Apoio Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001. p. 294.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989. p.213.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem, ciência da cultura**. São Paulo: Contexto, 2008p. 237.

HIASSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras.: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 316.

\_\_\_\_\_. **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 311.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani-mbya: significado, constituição e uso**. São Paulo: EDUSP. 2008 p. 228.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG,2008.p. 192.

MOURA, Margarida Maria. **Nascimento da Antropologia Cultural: A obra de Franz Boas**. São Paulo: Hucitec, 2004.p.399.

MOTA, José Aroudo. **O valor da Natureza: Economia e política dos recursos ambientais**. Rio de Janeiro: Garamond,2006. p.198

MUÑOZ, Maritza Gómez. **Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária**. IN: LEFF, Henrique. (coord). A Complexidade Ambiental. São Paulo : Cortez, 2003. p.282-322.

NOBRE, Marcos. AMAZONAS, Maurício de Carvalho. (orgs). **Desenvolvimento sustentável: a institucionalização de um conceito**. Brasília: Ed. IBAMA, 2002. p.368.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. (orgs). **Fomação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Ed. UNIMONTES,2000. P. 428.

OLIVEIRA, Alessandro Roberto. **A luta política é uma coisa, a Indígena é a História do Povo: Um estudo das relações entre os Xakriabás e os regionais**. Montes Claros: Monografia de Graduação – UNIMONTES , 2004.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.p.192.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras,1995.p.476.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas nas do Sertão – O Cerrado na História de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica,2005. Vol I e II.

RIVERO, Osvaldo de. O mito do Desenvolvimento: os países inviáveis no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.222.

SANTOS. Gilmar Ribeiro dos (orgs). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: considerações a partir das Ciências Sociais**. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.p. 201.

SILVA, Cássio Alexandre. **Parque Nacional Cavernas do Peruaçu/PARNA – Januária/Itacarambi -MG - Comunidade do Janelão: as comunidades tradicionais e o impacto da criação da Unidade de Conservação em seu território**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social - Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. 2007.p.161.

SILVA, Cássio Alexandre da. **Reflexão do Desenvolvimento Social no Sertão Norte-Mineiro: o caso da expedição Caminhos dos Geraes**. IN: REVISTA VERDE GRANDE- Universidade Estadual de Montes Claros,v.1 n4 (Nov-dez)2007. 102-109.

WALDMAN, Maurício. **Meio Ambiente e Antropologia**. São Paulo: Editora SENAC, 2006. p. 232.

ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade Cultural**. São Paulo: Cortez, 2003. p.119.

\_\_\_\_\_. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COP-PE/UFRJ,2006.

**Referências Eletrônicas:**

[www.cimi.org.br](http://www.cimi.org.br)

[www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)

[www.socioambiental.org.br](http://www.socioambiental.org.br)